

O jornalismo na era do Fake News: Uma análise do caso Marielle Franco nas redes sociais¹

Antonio José Santos de Vasconcelos²
Manuela Costa Bandeira de Melo³
UniFanor Wyden, Fortaleza, CE

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar a influência das *Fake News* relacionadas ao assassinato de Marielle Franco, vereadora pelo estado do Rio de Janeiro e um dos maiores nomes na luta pelos direitos humanos no Brasil. A partir do estudo bibliográfico do tema, apresentamos o conceito de jornalismo, para entender o que é a notícia. Em seguida, o surgimento da internet ao advento das redes sociais. Assim, entendemos como as *fake news* se popularizaram a partir de 2016 e como o avanço das tecnologias potencializou esse ambiente virtual na perspectiva de Pollyana Ferrari (2018).

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo; Fake News; Redes Sociais.

INTRODUÇÃO

A expressão *fake news* se generalizou a partir da eleição presidencial norte-americana de 2016. Apesar do uso recente, o conceito desse tipo de conteúdo falso vem de séculos passados. Os países de língua inglesa utilizavam até o século XIX o termo “false news” para determinar os boatos que circulavam. As *fake news* sempre estiveram presentes na sociedade ao longo da história, o que mudou foi a forma de propagação e o

¹ Trabalho apresentado na DT/IJ do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 30 de maio a 1 de junho de 2019.

² Jornalista. Recém-graduado no Curso de Jornalismo da UniFanor Wyden, email: josevasconcelos.jornalismo@outlook.com

³ Orientadora do trabalho. Professora Mestre do Curso de Jornalismo da UniFanor Wyden, email: manuelabandeira@engloba.com.br

potencial de divulgação desses conteúdos falsos, principalmente com o advento das redes sociais.

Este trabalho pretende analisar o jornalismo na era das *fake news*, envolvendo o caso Marielle Franco nas redes sociais, explorando as publicações nas redes sociais e nos veículos de comunicação na internet, além das *fake news* disseminadas após o assassinato da vereadora Marielle Franco.

Também buscamos entender os conceitos de notícias, segundo Felipe Pena (2006), e como uma pequena parte das produções são publicadas ou veiculadas, considerando os critérios de noticiabilidade: instantaneidade, interesse nacional, brevidade, atualidade, novidade, ser factual e despertar o interesse do público. Compreender como a velocidade das informações pode deteriorar uma informação se não for apurada. Essa instantaneidade pode refletir no furo jornalístico.

Nesse sentido, entendemos a importância da internet e sua evolução, as principais redes sociais e o conceito de *fake news*. Com o surgimento da internet e, mais tarde, com sua popularização, esse cenário proporcionou a inclusão social com o acesso ampliado no mundo. Nesse contexto, conhecemos as principais redes sociais como ferramentas de comunicação que permitem a interação social. Explorar o conceito de *fake news* segundo Pollyana Ferrari (2018) e como se propagam no ambiente virtual; a capacidade de interferir na vida das pessoas e como o jornalismo pode combater essa avalanche de notícias falsas.

No final deste trabalho, analisamos o caso Marielle Franco e as *fake news*, uma abordagem desde seu assassinato, trajetória de vida, repercussão no Brasil e no mundo e, principalmente, nas redes sociais. Entender como os boatos foram disseminados na internet em milhares de compartilhamentos, na tentativa de denegrir a imagem da vereadora.

2 JORNALISMO: CONCEITO E APLICAÇÕES

Mas, afinal, o que é jornalismo? Seja um fato, seja uma crise política, uma guerra, um assalto, acidente, tudo o que acontece em nossa sociedade passa a ser a atividade do jornalismo. Para o Grupo Globo (2011, p. 3), “[...] jornalismo é o conjunto de atividades que, seguindo certas regras e princípios, produz um primeiro conhecimento sobre fatos e pessoas”. O jornalismo é, portanto, uma atividade que

produz conhecimento e que será constantemente aprofundado pelo próprio jornalista, que busca a verdade dos fatos, mas traduz com mais humildade o caráter da atividade (GRUPO GLOBO, 2011).

De acordo com Rossi (2000), entre a ocorrência de um fato e a sua veiculação, percorre-se um caminho relativamente rápido, se medido em horas, mas bastante tortuoso e complexo. A imprensa não vive apenas dos episódios ocorridos num determinado dia, mas também da discussão, do debate e de análise de acontecimentos. Há um fio condutor que delimita o que será publicado ou levado ao ar: a pauta, instrumento de orientação para os repórteres, que contém informações enviadas às redações, mas também ela reflete apenas parcialmente o que está acontecendo.

Nessa perspectiva, para Rocha e Temer (2017), o jornalismo é um elemento na sociedade, porém, não possui um “corpo” ou ocupa um “espaço” físico específico, podendo ser “apreendido” por meio de suas “obras” ou na figura do repórter. Na prática, há muitas tensões que permeiam a atividade jornalística e seu relacionamento com o público.

Para Rossi (2000), o jornalista, ao partir para a coleta de informações, deve estar municiado do maior número possível de dados sobre o assunto a ser tratado. Essa coleta de antecedentes, estatísticas, avaliações permite questionar o entrevistado.

As informações sobre os antecedentes de um assunto não são suficientes. “Para compor uma reportagem, o jornalista vale-se, fundamentalmente de fontes de informação conhecedoras do tema” (ROSSI, 2000, p. 51). Para Rossi (2000), toda pessoa, em tese, pode ser uma fonte de informação. E, portanto, cultivar a fonte é um exercício indispensável ao jornalista.

Outro ponto determinante é a objetividade, que, de acordo com Rossi (2000), continua sendo uma das principais referências da linha editorial dos veículos de comunicação do Brasil. E nessa busca, introduziu-se a lei de ouvir os dois lados, nesse pressuposto há dois lados numa mesma história. O autor destaca:

O Manual de Redação do jornal Folha de São Paulo foi o primeiro livro-texto oficial a reconhecer as dificuldades para a prática da objetividade. “Não existe objetividade em jornalismo. Ao redigir um texto e editá-lo, o jornalista toma uma série de decisões que são em larga medida subjetivas, influenciadas por suas posições pessoais, hábitos e emoções”, diz o verbete “objetividade”, à p. 34 do Manual, edição de 1987 (ROSSI, 2000, p. 12-13).

“O propósito central do jornalismo consiste em fornecer informações precisas e confiáveis aos cidadãos, o que os ajudará a operar numa sociedade livre” (PRINCÍPIOS..., c2011, p. 1). Nessa concepção, o jornalismo não procura a verdade no sentido absoluto, e sim fundamentada no trabalho jornalístico. Tudo o que acontece, os fatos, assuntos relevantes passam a ser divulgados em tempo real, seja na internet, no rádio ou na TV. Essa instantaneidade consolida a democratização ao acesso às informações nos dias atuais (PRINCÍPIOS..., c2011).

Nesse sentido, se faz necessário entender o conceito de notícia.

2.1 O QUE É NOTÍCIA?

Para Pena (2006), notícia é tudo o que o público necessita saber, deseja falar, acrescentando descobertas, opiniões e assuntos de todas as categorias que interessam aos leitores. Mas, apenas uma pequena parte das produções diárias é publicada ou veiculada, ou seja, passa a ser notícia. Nesse contexto, o leitor ou telespectador se questiona: afinal, qual o critério utilizado pelos profissionais para escolher que fatos devem ou não se tornar notícia?

De acordo com o autor, “o furo de reportagem não espera a edição do dia seguinte, deve ser veiculado na hora, ao vivo e em cores”. Logo, “no interior dessa lógica, fica clara a pressão sofrida pelo repórter. Ao mesmo tempo, entretanto, ele toma a notícia como um valor, ou seja, apropria-se dos benefícios de ser o jornalista a dar o furo” (PENA, 2006, p. 71).

“Do ponto de vista da estrutura, a notícia se define, no jornalismo moderno, como um relato de uma série de fatos a partir do fato mais importante ou interessante; e de cada fato, a partir do aspecto mais importante ou interessante” (LAGE, 2000, p. 16). Para ele, não se trata de narrar exatamente os acontecimentos, mas expô-los.

Conforme Traquina (2005), o fato dos jornalistas se referirem constantemente à notícia, no seu jargão, como estória, qualquer acontecimento pode ser construído das mais diversas maneiras e significar as coisas de um modo diferente. Essa afirmação de algum modo ataca o sentido da legitimidade profissional dos jornalistas, e estes resistem bastante que a notícia não é um relato, mas uma construção.

Bird e Dardenne (1988 apud TRAQUINA, 2005) defendem que as notícias como narrativas não negam o valor de considerar como correspondentes da realidade

exterior e acrescentam que as notícias enquanto abordagem narrativa não negam que as notícias informam, mas os leitores aprendem com elas. Para Gaye Tuchman (1976 apud TRAQUINA, 2005), dizer que uma notícia é uma estória não é, de modo algum, rebaixar a notícia, nem acusá-la de ser fictícia, mas alertar para o fato de a notícia ser uma realidade possuidora da sua própria validade.

Para Pena (2006), os jornalistas se utilizam de critérios próprios para decidir o que é ou não é notícia e o livro Teorias da Comunicação, de Mauro Wolf, procura sistematizar esses critérios. Ele chama de noticiabilidade a capacidade de os fatos virarem ou não notícia, cujos critérios estão a seguir:

a) categorias substantivas:

- importância dos envolvidos;
- quantidade de pessoas envolvidas;
- interesse nacional;
- interesse humano;
- feitos excepcionais;

b) categorias relativas ao produto:

- brevidade => nos limites do jornal;
- atualidade;
- novidade;
- organização interna da empresa;
- qualidade => ritmo, ação dramática;
- equilíbrio => diversificar assuntos;

c) categorias relativas ao meio de informação:

- acessibilidade à fonte/local;
- formatação prévia/manuais;
- política editorial;

d) categorias relativas ao público:

- plena identificação de personagens;
- serviço/interesse público;
- protetividade => evitar suicídios etc.;

e) categorias relativas à concorrência:

- exclusividade ou furo;
- gerar expectativas;

— modelos referenciais.

Atualmente, as notícias encontram um campo fértil de veiculação na Internet. Essa relação entre internet, notícias e fakenews é o que move esse artigo.

3 A INTERNET: SURGIMENTO E EVOLUÇÃO

O acesso à rede mundial de computadores fez com que a internet se popularizasse no mundo. Conforme Abreu e Pellegrini (2018), as notícias começaram a circular frequentemente e ganharam maior rotatividade com o surgimento das redes sociais. Por outro lado, a facilidade ao acesso de dados na esfera digital fez com que as pessoas começassem a produzir o seu próprio conteúdo on-line, seja ele verdadeiro ou não.

De acordo com Silva (2001), a internet foi criada em 1969, com o nome de Arpanet e tinha a função de interligar laboratórios de pesquisa. A rede pertencia ao Departamento de Defesa dos Estados Unidos. Mais tarde, na década de 1980, seu nome mudou para internet, e começou a ser utilizada no meio acadêmico. “No Brasil, a exploração comercial foi liberada em 1995. Universidades como as federais do Rio Grande do Sul e do Rio de Janeiro estavam conectadas à rede desde 1989” (SILVA, 2001, p. 1).

Recentemente, com as novas ferramentas de inclusão social, as mídias sociais, os brasileiros tiveram seu acesso à rede mundial de computadores ampliado. Conforme Gomes (2018), cerca de 116 milhões de brasileiros tinham acesso à internet, o equivalente a 64,7% da população com idade acima de 10 anos. Esses dados foram divulgados em fevereiro de 2016 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), como parte da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD C). Em comparação com o ano 2012, apenas 49% da população tinham acesso à rede.

O celular continua a ser o principal aparelho para acessar a internet no Brasil. Em 2016, o eletrônico era usado por 94,6% dos internautas, à frente de computadores (63,7%), tablets (16,4%) e televisões (11,3%). Segundo o IBGE, 77,1% dos brasileiros possuíam algum celular.

A Pnad Contínua também levantou as finalidades com que os brasileiros navegam na internet ou usam serviços conectados. A principal dessas atividades, apontada por 94,6% dos internautas, é trocar mensagens (de texto, voz ou imagens) por aplicativos de bate-papo. Assistir vídeos (programas, séries e filmes) foi apontado por

76,4% dos brasileiros conectados e superou as conversas por chamadas de voz ou vídeo, indicadas por 73,3% (GOMES, 2018, p. 1).

Diante da multiplicidade, velocidade, efemeridade, descentralização, abundância e complexidade que regem as informações nos dias atuais, a busca digital se estabeleceu com a internet. Para Ferrari (2018), a associação da facilidade de se gerar e disseminar conteúdo on-line com o uso de filtros informacionais dissociado de pensamento crítico agrava e alimenta as fake news.

Conforme Brittos e Silva (2011), a internet revolucionou a comunicação no mundo. Os indivíduos estão conectados em rede, isto é, em tempo real, trocando informações, conhecimento, negócios, gerando uma conexão global.

Inseridas neste contexto de reconfigurações surgem ferramentas úteis para a vida das pessoas, no trabalho ou em casa. A internet é fonte inesgotável de diversão, lazer e conhecimento. Na sequência surgiram as redes sociais, verdadeiras febres, utilizadas para as mais variadas intenções, da autopromoção de pessoas em busca de fama a comunidades divulgando ideias, passando por soluções corporativas. Neste espaço social há liberdade sobre o que dizer (e, no caso, agir), desde que acessível uma conexão de banda larga, que segmenta seu cliente conforme suas possibilidades de pagamento ao meio digital (BRITTOS; SILVA, 2011, p. 1).

A rede tornou-se um território onde tudo é aceito, transformando-se também em uma arma poderosa para cometer atos ilícitos contra os diversos segmentos da sociedade, incitando o ódio e ratificando preconceitos de raça, religião e classe social. Comunidades usam tom mais agressivo a fim de atingirem com maior efetividade seus objetivos. Nas ferramentas de interação social muitas vezes aflora uma espécie de patologia social, com indivíduos agredindo outros ou defendendo o neonazismo, enquanto torcidas incitam à violência e combinam brigas. Na internet há toda uma gama de possibilidades, em termos de informação e conhecimento, ao mesmo tempo em que se fica refém de variados modos de atos ilícitos (BRITTOS; SILVA, 2011, p. 1).

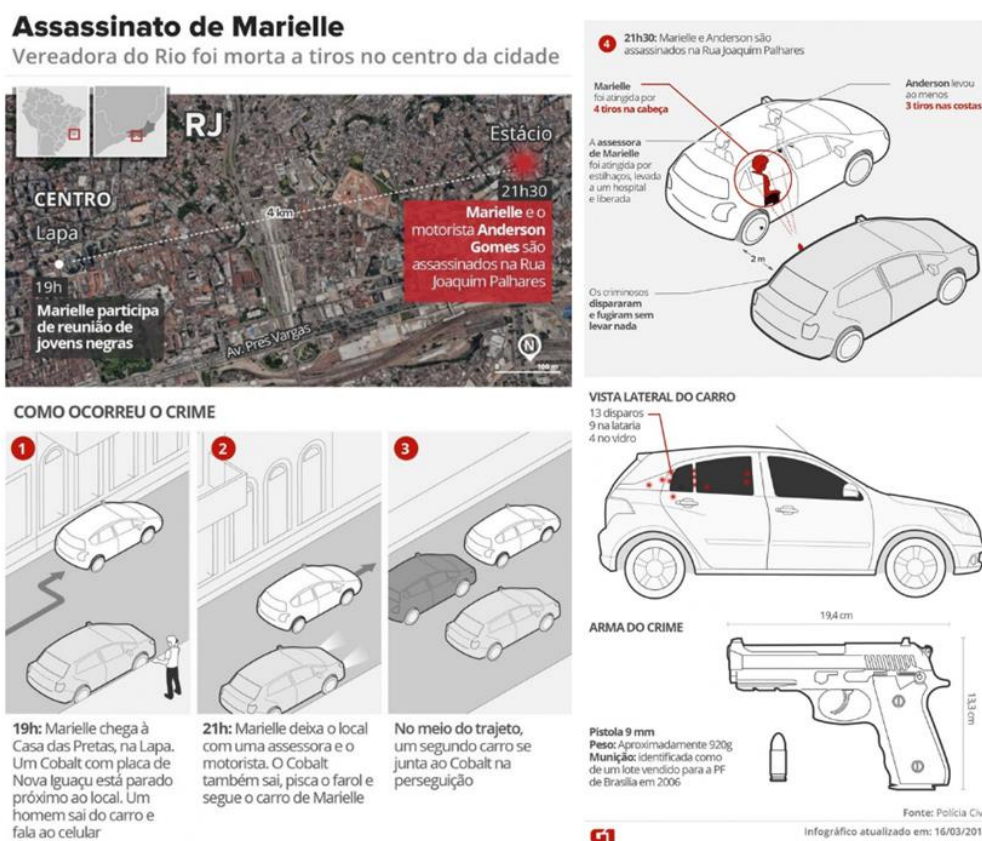
4 ANÁLISE DO CASO MARIELLE FRANCO E AS *FAKE NEWS*

No dia 14 de março de 2018, Marielle Franco da Silva foi assassinada a tiros junto com Anderson Gomes, seu motorista, quando voltava de um evento com jovens negras, no Rio de Janeiro. Marielle Franco nasceu na favela da Maré, situada na Zona

Norte carioca. Socióloga, mãe, ativista pelos direitos humanos, a vereadora, do PSOL, fiscalizava a intervenção no Rio e tinha denunciado abusos das Forças Armadas e da polícia a moradores de comunidades.

De acordo com O Globo (CASO..., 2018), por volta das 21h30min, na Rua Joaquim Palhares, no Estácio, um veículo emparelhou com o carro de Marielle Franco e fez 13 disparos: 9 acertaram a lataria; e 4, o vidro. A vereadora foi atingida por 4 tiros na cabeça e seu motorista levou ao menos 3 tiros nas costas. A assessora que a acompanhava foi atingida por estilhaços, levada a um hospital e liberada.

Figura 1 - Infográfico de como ocorreu o assassinato de Marielle Franco



Fonte: G1 (ASSASSINATO..., 2018).

Nas eleições municipais em 2016, no Rio de Janeiro, ela foi a 5ª vereadora mais votada, com 46.502 votos. Na Câmara Municipal, foi Presidente da Comissão da Mulher, além de lutar pelos direitos dos homossexuais, lésbicas, bissexuais e transexuais.

Poucas horas antes de ser assassinada, em um *post* no Twitter, ela questionou a morte de um jovem, Matheus Melo, que morreu aos 23 anos após ser baleado na favela do Jacarezinho, na Zona Norte do Rio de Janeiro.

Figura 2 - Marielle Franco questiona a morte de Matheus no Twitte



Fonte: Twitter (2018).⁴

A sua morte desencadeou uma série de homenagens nas redes sociais, gerando manifestações pelo Brasil e no mundo. Mas também nesse cenário surgiram acusações e diversas *fake news* sobre sua história e atuação. Notícias foram publicadas e disseminadas na rede, principalmente no Facebook. Os *posts* e notícias que mais ganharam compartilhamentos foram os que afirmavam que Marielle Franco teria engravidado aos 16 anos, e seria casada com um dos maiores traficantes do Rio de Janeiro, além de ser usuária de maconha.

⁴ Disponível em: <<https://twitter.com/mariellefranco/status/973568966403731456>>. Acesso em: 30 nov. 2018.

Figura 3 - Foto disseminada como se nela estivessem Marielle Franco e Marcinho VP



Foto: G1/Reprodução.⁵

A desembargadora Marília Castro Neves fez um comentário no Facebook no qual apontava que Marielle Franco “estava engajada com bandidos”, “foi eleita pelo Comando Vermelho” e que “provou o remédio que receitava”. Depois dessa polêmica envolvendo sua postagem com informações falsas sobre a vereadora, a desembargadora divulgou nota na qual afirma que se precipitou ao divulgar informações que teria lido em uma postagem no Facebook.

Logo depois, esses boatos foram desmentidos pelo Portal G1, na seção “É ou não é”, de *fact-checking* (MARIELLE..., 2018). Após denúncias, o Facebook retirou do ar os perfis e conteúdos falsos que tinham o objetivo de propagar esses discursos.

4.1 A COBERTURA DO CASO MARIELLE FRANCO

O assassinato de Marielle Franco gerou comoção no país e no mundo. Um dos assuntos mais comentados no Twitter, com “#MariellePresente” apareceu nos *trending topics* da rede social.

Em diversas cidades do país, manifestantes foram às ruas em protesto pedindo justiça. Na Cinelândia, em frente à Câmara Municipal, e na Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (ALERJ), os protestos foram organizados em busca de justiça e esclarecimentos para a sua morte. Segundo o jornal Folha de São Paulo

⁵ Disponível em: <<https://g1.globo.com/e-ou-nao-e/noticia/marielle-engravidou-aos-16-foi-casada-com-o-trafficante-marcinho-vp-ignorava-as-mortes-de-policiais-nao-e-verdade.ghtml>>. Acesso em: 30 nov. 2018.

(MARIELLE..., 2018), em coro, milhares de pessoas pediram justiça, “Sem hipocrisia, a PM mata gente todo dia”, com cartazes e faixas que diziam “Quem matou Marielle Franco?” e “Não Recuaremos, Marielle vive”. Os protestos eram pacíficos e não havia sinais de conflito.

Os protestos ganharam notoriedade no mundo; em Portugal, Nova York e na Europa parlamentares também se manifestaram. Na imprensa internacional, veículos latino-americanos e europeus também destacaram o crime, e os protestos no Brasil. O jornal britânico *The Guardian* noticiou os protestos após a morte de Marielle Franco, no título da reportagem: “Protestos realizados em todo o Brasil após vereadora do Rio morta”.

No dia 8 de dezembro, a Justiça do Rio de Janeiro concedeu à Polícia Federal acesso irrestrito ao inquérito do assassinato de Marielle Franco e Anderson Gomes. De acordo com o jornal O Globo (CASO..., 2018, p. 1), “a PF entrou no caso a pedido da procuradora-geral da República, Raquel Dodge, com o objetivo de apurar supostas tentativas de agentes públicos para atrapalhar a investigação”.

Até dezembro de 2018, o crime permaneceu sem conclusão. Segundo o G1 (CASO..., 2018), as linhas de investigação apontam para o envolvimento do vereador Marcelo Siciliano, do Partido Humanista da Solidariedade (PHS), apontado como mandante, e de políticos do Movimento Democrático Brasileiro (MDB) do Rio.

Conforme o jornal O Estado de São Paulo (GODOY, 2018), O general Richard Nunes, secretário de Segurança Pública do Rio de Janeiro, afirmou em entrevista, publicada no dia 14 de dezembro, que a vereadora foi morta porque milicianos acreditavam que ela podia atrapalhar os negócios ligados à grilagem de terras na zona oeste do Rio. O crime estava sendo planejado desde 2017, muito antes de o governo federal decidir decretar a intervenção federal no Rio de Janeiro.

4.2 A ANÁLISE

Um crime que repercutiu no Brasil e no mundo e que queria calar a voz da comunidade, das minorias. Uma mulher, negra, da favela, ligada aos direitos humanos, partiu, mas deixou uma semente de luta e esperança. Marielle Franco em discurso na Câmara Municipal do Rio de Janeiro, no dia 8 de março de 2018, entoava sua insatisfação: “não serei interrompida. Não calarão a minha voz”.

Sua morte levou milhares de pessoas às ruas do Brasil e no mundo. Mensagens de solidariedade e revolta repercutiram nas redes sociais, mas circularam também diversas mentiras e ofensas à sua integridade. Esses boatos difamatórios a respeito da figura de Marielle Franco, entre áudios e fotos, acusavam a vereadora de ser apoiada pelo tráfico de drogas, entre outros absurdos.

De acordo com o jornal O Estado de São Paulo (CASTRO, 2018), a conclusão do estudo realizado pelo Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT), e publicado na Revista Science, é que a propagação de *fake news* não é exclusiva dos robôs, ou perfis falsos, mas sim de pessoas reais. As *fake news* manipulam as pessoas e distorcem os fatos, uma saída para o problema são campanhas e ações educativas que conscientizem os usuários.

As razões para o assassinato de Marielle Franco são muitas. Trata-se de um crime político, diferente da maioria dos homicídios. As dificuldades estruturais das polícias Civil e Técnico-científica, sem materiais, treinamento, agentes e investimentos escassos, na prática, prejudicam as investigações, retardando o andamento dos inquéritos, e isso reflete na impunidade, em crimes sem elucidação.

Marielle Franco ainda permanece na memória, na política, em defesa de uma sociedade mais justa. A vereadora incomodou e fez de sua coragem uma luta contra as desigualdades sociais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do estudo bibliográfico realizado nesta pesquisa sobre as *fake news* e suas consequências no jornalismo e na vida das pessoas. Nesse ambiente midiático em que a propagação de notícias falsas se intensificam, o jornalismo surge como ferramenta de combate à desinformação.

Além de explorar os conceitos de Rossi (2000), que diz que, entre a ocorrência de um fato e a sua veiculação, percorre-se um caminho relativamente rápido, se medido em horas, mas bastante tortuoso e complexo. A imprensa não vive apenas dos episódios ocorridos num determinado dia, mas também da discussão, do debate e de análise de acontecimentos.

O fenômeno das *fake news* presente na sociedade do conhecimento, a manipulação da informação e a utilização das principais redes sociais como ferramenta de disseminação desses conteúdos também pautou essa análise. Segundo Ferrari (2018), as *fake news* viraram uma praga midiática, por isso precisamos combatê-las. O cidadão comum deve ser ensinado a checar antes de clicar ou compartilhar uma informação.

Essa pesquisa considera as *fake news* como um problema da sociedade, que precisa ser aceita nas redes sociais e não consegue enxergar diante da avalanche de informações que são compartilhadas nas redes. As notícias falsas põem em risco a dignidade humana, ou pior: destroem vidas, como no caso da Escola Base.⁶

Para finalizarmos a análise do caso Marielle Franco, a disseminação de conteúdo falso nas redes sociais, até mesmo por autoridades da sociedade brasileira, foi um divisor de águas no entendimento do papel do jornalismo diante da febre por mais compartilhamentos e curtidas. Compreender como se posicionar diante de conteúdos falsos e que surgem em avalanches nas redes sociais é um amplo cenário no qual outros pesquisadores podem e devem se debruçar sobre.

⁶ Em Março de 1994, após denúncia de duas mães sobre supostos abusos sexuais cometidos pelos donos da escola e funcionários contra seus filhos, que tinham à época 4 anos de idade, a imprensa passou a divulgar as acusações. O inquérito, entretanto, acabou arquivado por falta de provas.

REFERÊNCIAS

ABREU, Thallisson Reis Nogueira; PELLEGRINI, Paulo Augusto Emery Sachse. Fake News: o caso Marielle e a manipulação midiática. *In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE*, 20., 2018, Juazeiro. **Anais eletrônicos...** Juazeiro: Intercom, 2018. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nordeste2018/resumos/R62-0970-1.pdf>>. Acesso em: 30 out. 2018.

ASSASSINATO de Marielle Franco: o que se sabe sobre o crime. **G1**, São Paulo, 15 mar. 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/assassinato-da-vereadora-marielle-o-que-se-sabe-sobre-o-crime.ghtml>>. Acesso em: 30 nov. 2018.

BRITTOS, Valério Cruz; SILVA, Éderson Pinheiro da. A realidade da internet. **Observatório da Imprensa**, São Paulo, ed. 624, 11 jan. 2011. Disponível em: <<http://observatoriodaimprensa.com.br/e-noticias/a-realidade-da-internet/>>. Acesso em: 20 out. 2018.

CARDOSO, Daiene. PSOL pede cassação do deputado Alberto Fraga por postagens sobre Marielle. **UOL**, Brasília, DF, 21 mar. 2018. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2018/03/21/psol-pede-cassacao-do-deputado-alberto-fraga-por-postagens-sobre-marielle.htm>>. Acesso em: 1 dez. 2018.

CASO Marielle: gravações mostram que vereador conversou com miliciano por telefone. **G1**, Rio de Janeiro, 13 maio 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/gravacoes-mostram-que-vereador-conversou-com-milicianos-por-telefone.ghtml>>. Acesso em: 16 dez. 2018.

CASO Marielle: Polícia Federal ganha acesso à investigação. **O Globo**, Rio de Janeiro, 8 dez. 2018. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/caso-marielle-policia-federal-ganha-acesso-investigacao-23290843>>. Acesso em: 8 dez. 2018.

CASTRO, Fábio de. 'Fake news' têm 70% mais chance de viralizar que as notícias verdadeiras, segundo novo estudo. **O Estado de S.Paulo**, São Paulo, 8 mar. 2018. Disponível em: <<https://ciencia.estadao.com.br/noticias/geral,fake-news-se-espalham-70-mais-rapido-que-as-noticias-verdadeiras-diz-novo-estudo,70002219357>>. Acesso em: 2 dez. 2018.

FERRARI, Pollyana. **Como sair das bolhas**. São Paulo: Armazém da Cultura, 2018.

GODOY, Marcelo. Milicianos mataram Marielle por causa de terras, diz general. **Estadão**, São Paulo, 14 dez. 2018. Disponível em: <<https://brasil.estadao.com.br/noticias/rio-de-janeiro,milicianos-mataram-marielle-por-causa-de-terras-diz-general,70002645671>>. Acesso em: 14 dez. 2018.

GOMES, Helton Simões. Brasil tem 116 milhões de pessoas conectadas à internet, diz IBGE. **G1**, Rio de Janeiro, 21 fev. 2018. Disponível em:

<<https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/brasil-tem-116-milhoes-de-pessoas-conectadas-a-internet-diz-ibge.ghtml>>. Acesso em: 30 out. 2018.

GRUPO GLOBO. Princípios editoriais do Grupo Globo. **G1**, Rio de Janeiro, 6 ago. 2011 Disponível em:<<http://g1.globo.com/principios-editoriais-do-grupo-globo.html#principios-editoriais>>. Acesso em: 10 ago. 2018.

LAGE, Nilson. **Estrutura da notícia**. São Paulo: Ática, 2000.

MARIELLE engravidou aos 16? Foi casada com o traficante Marcinho VP? Ignorava as mortes de policiais? Não é verdade! **G1**, Rio de Janeiro, 19 mar. 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/e-ou-nao-e/noticia/marielle-engravidou-aos-16-foi-casada-com-o-traficante-marcinho-vp-ignorava-as-mortes-de-policiais-nao-e-verdade.ghtml>>. Acesso em: 1 dez. 2018.

MARIELLE Franco é homenageada no Dia Internacional dos Direitos Humanos na Alerj. **G1**, Rio de Janeiro, 10 dez. 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2018/12/10/marielle-franco-e-homenageada-no-dia-internacional-dos-direitos-humanos-na-alerj.ghtml>>. Acesso em: 10 dez. 2018.

MARIELLE Franco é sepultada sob aplausos e gritos de protesto no Rio. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 15 mar. 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/03/atos-se-espalham-pelo-pais-apos-assassinato-da-vereadora-marielle-franco.shtml>>. Acesso em: 1 dez. 2018.

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2006.

PRINCÍPIOS do jornalismo. **Projecto Jornalismo e Sociedade**. Lisboa, c2011. Disponível em:<<http://futurojornalismo.org/np4/45.html#.W560U-hKjIV>>. Acesso em: 10 ago. 2018.

ROCHA, Jordânia Bispo; TEMER, Ana Carolina Rocha Pessôa. O conceito de qualidade no jornalismo no discurso do telejornalismo local: uma análise a partir da ótica da TV Anhanguera/Goias. **Parágrafo**, São Paulo, v. 5, n. 1, jan./jun. 2017. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/521/471>>. Acesso em: 8 ago. 2018.

ROSSI, Clóvis. **O que é jornalismo**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

SILVA, Leonardo Werner. Internet foi criada em 1969 com o nome de "Arpanet" nos EUA. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 12 ago. 2001. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/foha/cotidiano/ult95u34809.shtml>>. Acesso em: 30 out. 2018.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: a tribo jornalística - uma comunidade interpretativa transnacional**. Florianópolis: Insular, 2005.